



**EM REDE: considerações sobre a influência das redes na realização de movimentos sociais**

ANETE MARILIA PEREIRA

MARIA VITÓRIA XAVIER DIAS ROCHA

## **EM REDE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DAS REDES NA REALIZAÇÃO DEMOVIMENTOS SOCIAIS**

**IN NETWORK: CONSIDERATIONS ABOUT THE INFLUENCE OF NETWORKS IN THE REALIZATION OF SOCIAL MOVEMENTS**

**ANETE MARILIA PEREIRA**

*Doutora em Geografia (2007) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre em Geografia Humana (1999) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Graduada em Geografia (1990) pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Montes Claros atuando na graduação em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) e no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo).*

**MARIA VITÓRIA XAVIER DIAS ROCHA**

*Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Especialista em Gestão de Cidades e Planejamento Urbano (2018) pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Bacharela em Arquitetura e Urbanismo (2016) pelas Faculdades Integradas Pitágoras (FIP-Moc).*

### **RESUMO**

O século XXI apresenta características diferentes dos séculos anteriores, sendo que a sociedade moderna experimenta novos relacionamentos sociais e virtuais, promovidos pela tecnologia. A internet ou rede mundial de computadores é o segundo meio de comunicação mais bem-sucedido, atingindo distâncias geográficas com interatividade e massividade. Considerando essa realidade, o presente artigo propõe uma reflexão sobre o uso cada vez maior das redes sociais na organização de movimentos sociais. Tendo como base metodológica a pesquisa bibliográfica é feita, inicialmente, uma discussão teórica sobre as redes, seguida de uma análise do movimento social denominado "rolezinho" tendo como fonte de informações a rede social Facebook. Como resultado, evidencia-se a importância das redes sociais para o exercício da cidadania e participação política.

**Palavras-chave:** Redes; Internet; Movimentos Sociais; Cidadania.

### **ABSTRACT**

The 21st century presents different characteristics from previous centuries, and modern society experiences new social and virtual relationships, promoted by technology. The Internet or the World Wide Web is the second most successful medium of communication, reaching geographical distances with interactivity and massiveness. Considering this reality, this article proposes a reflection on the increasing use of social networks in the organization of social movements. Based on a methodological basis, the bibliographical research is done initially, a theoretical discussion about the networks, followed by an analysis of the social movement called "rolezinho" having as a source of information the social network Facebook. As a result, it is evident the importance of social networks for the exercise of citizenship and political participation

**Keywords:** Networks; Internet; Social movements; Citizenship.

### **SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO; 1 REDES, TECNOLOGIA E INTERNET; 2 MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE; 2.1 Rolezinhos; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.**

---

## INTRODUÇÃO

A internet e as redes sociais emergem como elementos estruturais da sociedade contemporânea e cada vez mais os movimentos sociais estão se constituindo e/ou se fortalecendo por meio desses instrumentos, dada a sua abrangência em níveis local, regional e global. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho procura tecer algumas reflexões sobre as redes de comunicações e seus alcances, especificamente as redes sociais que promovem encontros em grandes escalas, muitas vezes simultâneos. Buscou-se estabelecer as conexões entre as ascendentes tecnologias de informação, as redes sociais e o cotidiano da população que anseia por seus direitos e cidadania.

O presente texto se encontra estruturado em duas partes. A primeira trata da temática redes a partir de autores como Pires (2010), Dias (2007), Vasconcelos e Brandão (2013), Castells (2003). Traz, ainda que de forma sucinta, a história das tecnologias de informação, do desenvolvimento da internet e a forma como a internet tomou conta do cotidiano da sociedade contemporânea tendo por base os autores Virgolino, Cordeiro e Carvalho (2017), Couto e Rocha (2010) e Araújo (2012).

Na segunda parte, apresenta-se uma breve contextualização dos movimentos sociais no Brasil, a partir de estudos feitos por Gohn (2011), Socal e Cardoso (2015), Pereira (2014) e Machado e Scalco (2014). Traz uma análise do movimento social “rolezinho”, que aconteceu em Salvador (BA). Através de buscas em *sites* e na rede social *Facebook*, foram encontradas as motivações e relatos da líder do movimento, assim como os apoios e fóruns de discussões sobre o assunto em sua página na rede social.

### 1 REDES, TECNOLOGIA E INTERNET

Na atualidade, a expressão “redes” está cada vez mais presente na vida das pessoas, sendo utilizada com múltiplos significados. Dias (2005) afirma que o termo *rede* é derivado do latim “*retis*”, definido como o conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós. No plano teórico, representa um conceito complexo e carregado de certa ambiguidade e, por isso, não se pretende aqui fazer um histórico da sua evolução, nem tampouco elencar todas as suas acepções. Interessa ressaltar que o conceito se relaciona com duas matrizes genéricas: a que leva em conta a sua substancialidade,

como é o caso das redes de infraestrutura, e a que considera as representações dos conteúdos sociais, caso das redes de pessoas, mensagens, ideias (SANTOS, 2006). Em outras palavras, as redes podem ser entendidas num sentido mais econômico, como um sistema de troca de bens materiais, ou num sentido mais social como um sistema de interação entre pessoas, com um conteúdo cultural ou político.

Para Dias (2007), o papel das redes, sejam elas regionais, nacionais ou internacionais, enquanto produto e condição da tecnologia, do capital e da matéria prima, busca viabilizar a circulação e comunicação de informações, mercadorias e conhecimentos. Castells afirma que as redes:

[...] constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma de tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social (CASTELLS, 2003, p. 565).

O referido autor analisa o processo da evolução tecnológica como parte da complexidade das mudanças econômicas e transformação da sociedade moderna. Nas suas palavras:

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica (...) a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas (CASTELLS, 2003, p.43).

Para o autor, o processo de evolução da tecnologia depende de um padrão de interatividade entre a tecnologia e a sociedade. Ainda sob uma análise histórica, Castells (2003) considera que os processos e as formas sociais, os quais refletem as sociedades, são constituídos pela interação dos modos de produção e desenvolvimento estabelecidos por atores sociais. Isso se dá a partir de uma estrutura repressora passada e das novas condições de desenvolvimento econômico e tecnológico.

O início do século XXI apresentou características diferentes dos séculos anteriores, sendo que a sociedade contemporânea experimenta novos relacionamentos sociais e virtuais, promovidos pela tecnologia.

Para Vasconcelos e Brandão (2013, p.126), “o crescimento da tecnologia da informação é espantoso e atinge o cotidiano das pessoas de uma forma tão intensa que aquelas que não estão conectadas passarão a sentir-se à margem da evolução”.

Falar em tecnologia da informação implica retomar, ainda que sucintamente, recente história da internet ou rede mundial de computadores. Fruto de uma estratégia militar das forças norte-americanas para manter comunicações caso ataques inimigos destruíssem as fontes primárias de comunicações, essa rede surgiu na época da Guerra Fria. Nas décadas de 1970-1980, a internet também passou a ser fonte importante para o meio acadêmico, sendo usada por professores e estudantes para a troca de informações. Castells (2003) acrescenta que quando a rede se tornou independente de centros de controles e comandos nasceu a Era da Informação em grande escala.

Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive de som, imagem e dados, criou-se uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centro de controles, para que a mensagem procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto da rede (CASTELLS, 2003, p.82).

O ano de 1990 foi o grande “boom” da internet, pois ela foi privatizada e começou a atender à população. Este também foi o ano no qual Tim Bernes-Lee desenvolveu a *World Wide Web* (www), que proporcionou a criação de sites dinâmicos. A partir de então, a internet cresceu em ritmo acelerado, podendo ser considerada a segunda maior criação tecnológica, ficando atrás somente da televisão, criada em 1950. O seu uso também foi se diversificando, sendo utilizada pelos estudantes para pesquisas, pelos jovens para jogos online, entre outros. As salas de bate-papo se tornaram os grandes encontros de sociabilidade virtual.

Em 2004 surgiu a pioneira das redes sociais, o Orkut, criada nos Estados Unidos pelo engenheiro Orkut Büyükkökten. Tinha por objetivo possibilitar aos seus membros novas amizades, bem como a manutenção daquelas já existentes. O Orkut possuía ferramentas interativas como as comunidades, os fóruns e os *scrapbooks* (que eram os recados enviados aos amigos), além dos chamados testemunhos fixados nas páginas. Para fazer parte da ‘comunidade’ de usuários do Orkut, era necessário ser maior de 18 anos e criar um perfil onde eram definidas as preferências, características e interesses de forma a facilitar a interação dos usuários (COUTO; ROCHA, 2010).

Nos anos seguintes, as redes sociais continuaram a crescer no Brasil e no mundo. O Orkut disputou a preferência com a rede social Facebook, criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Eduardo Saverin e Dustin Moskovitz. Em 2008 ele se tornou a rede mais popular do mundo. Segundo dados divulgados pela Hootsuite, o Brasil é o 3º país mais ativo na rede social,

ficando atrás da Índia (1º) e dos Estados Unidos (2º), sendo São Paulo a 9ª cidade mais ativa no Facebook<sup>1</sup>.

Para Virgolino, Cordeiro e Carvalho (2017), o Orkut e os blogs desenvolveram o processo democrático e a opinião pública. Esses autores consideram que as redes sociais interferiram na política brasileira, no ano de 2006, através de debates políticos, opiniões públicas em comunidades do Orkut e blogs jornalísticos. Afirmam que isso também ocorreu em 2008, nas eleições dos Estados Unidos, quando o presidente eleito à época, Barack Obama, utilizou ferramentas populares no país como o Youtube e o Myspace, assim como um site próprio para ele ([my.barackobama.com](http://my.barackobama.com)), com intuito de divulgar suas propostas e estabelecer comunicação direta com os seus eleitores. Segundo Virgolino, Cordeiro e Carvalho (2017, p.5), “Ao direcionar boa parte de suas estratégias para a internet, a campanha de Obama estabeleceu um novo padrão, tendo assim, grande importância social”.

As redes sociais e redes de informações já fazem parte da vida das pessoas no mundo contemporâneo muito mais do que se imagina. As redes sociais ultrapassaram o âmbito social e investiram na publicidade empresarial, onde as próprias ferramentas disponibilizam a opção de perfis corporativos que possuem estratégias de marketing específicas para aumentarem as visualizações, se tornando uma grande aliada das empresas.

Porém, a internet e as redes sociais também são tidas como causadoras de alguns problemas para a sociedade, uma vez que têm provocado o empobrecimento da vida social ativa, assim como oferecem perigos devido à exposição dos usuários nas redes. Nas redes sociais atualmente, assim como acontecia no Orkut, os usuários podem apresentar aparências enganadoras, disfarçadas atrás das telas deste modo de vida online, mas que difere totalmente do modo de vida off-line e da vida tradicional. Couto e Rocha (2010, p.24) argumentam que:

Na vida tradicional, no mundo off-line, as pessoas desempenham papéis que, geralmente, têm um lugar num espaço físico, lógico e linear. Nos jogos, nas redes sociais, *blogs*, nas comunidades virtuais, no *secondlife*, os participantes experimentam identidades e vidas paralelas.

<sup>1</sup> Dados disponíveis em: < <http://www.b9.com.br/75869/india-se-torna-o-pais-com-maior-numero-de-usuarios-no-facebook/> > acessado em 26 de Dez.de 2017.

Para Castells (2003, p. 445), as comunidades virtuais possuem sua própria dinâmica, diferenciada de outras como das comunidades reais. Ele diz: “(...) não são ‘irreais’, funcionam em outro plano de realidade”.

As discussões que permeiam a favor e contra a utilização massiva das redes sociais postulam questões que devem ser analisadas criteriosamente. Com a evolução das redes de comunicações, a internet mudou a maneira das pessoas se comunicarem, possibilitando a instantaneidade na transmissão de informações, aproximando pessoas distantes e distanciando pessoas próximas. A internet também é um espaço virtual livre e democrático, palco de importantes debates que promovem grandes interações mundiais. Para Araújo (2012), o Facebook é um importante meio no auxílio dos movimentos sociais. A referida autora constata que:

O Facebook pode atuar como ferramenta de auxílio às mobilizações de cunho político e social. Por meio da ferramenta, já foram divulgados eventos nacionais para despertar o interesse dos usuários a diversas causas, além da participação efetiva no movimento. A plataforma atua de maneira ainda mais efetiva na divulgação de eventos locais, sejam eles de cunho cultural, social, político, ou de mero entretenimento (ARAÚJO, 2012, p.12).

Para Pires (2010), a tecnologia da informação revaloriza as formas do saber, de maneira que por meio das redes sociais emergem uma razão contra-hegemônica, possibilitando também a sociabilização e produção social do conhecimento livre, por meio de redes sociais colaborativas, formadas por profissionais, leigos, educadores, entre outros, que trabalham na produção de softwares livres<sup>2</sup>. Segundo Pires (2010, p.19):

No limiar do século XXI, o que presenciamos, é um momento potencialmente diferenciado de emergência de uma razão contra-hegemônica, em que a sociedade através de suas redes sociais passa a se re-apropriar da produção social do conhecimento e do saber vivo.

Feitas essas considerações, é importante refletir sobre como alguns movimentos sociais são mediados pelas redes sociais, evidenciando o poder destas redes como mecanismo de comunicação e participação ativa, através de opiniões públicas e atuação em eventos criados.

<sup>2</sup> *Software* livre é uma expressão para designar qualquer programa de computador que “os usuários possuem a liberdade de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software”. Disponível em: <<https://www.gnu.org>>acesso em 26 de dez. 2017.

---

## 2 MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE

Assim como que não há um único conceito para rede, também não há um único para movimento social, mas vários, dependendo das posturas metodológicas dos pesquisadores dessa temática. Além disso, cada país possui um contexto histórico específico, assim como os movimentos sociais correspondentes a ele. Nesse artigo, utiliza-se a concepção de movimentos sociais dada por Gohn (1995, p. 44):

São ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Antes de tratar do contexto histórico dos movimentos sociais no Brasil é fundamental considerar a relação dos brasileiros com a cidadania, como bem apresentado por Milton Santos em seu livro “O espaço do cidadão” (1987), no qual o autor faz alguns questionamentos: “Quantos habitantes, no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que não o são?” (SANTOS, 2007, p.19).

O processo de formação da cidadania é fruto de um processo histórico, que teve início na passagem do homem servil no período do feudalismo, para o homem livre do capitalismo, configurando novas relações sociais e de trabalho. Outras conquistas vieram mais tarde, como o direito de associação no século XIX e no século XX com os direitos sociais e o direito ao voto – como condição maior de cidadania. Mas essa trajetória não se aplica totalmente ao caso brasileiro, pois enquanto em muitos países ocorria um avanço na conquista de determinados direitos, o Brasil ainda era uma colônia de exploração. Tanto que é necessário ter certo cuidado ao falar dos movimentos sociais do período colonial, haja vista que em muitas rebeliões a participação popular foi pequena. Isso não significa dizer, no entanto, que não houve lutas e confrontos pela liberdade e democracia.

Há um consenso entre os estudiosos que tratam do tema de que os movimentos sociais se intensificaram no país nos anos de 1970, com a oposição ao regime militar e uma resistência ao

autoritarismo. Nesse período, foi expressiva a coalizão de forças e organizações de movimentos estudantis, operários e sindicalistas, bem como de diversos setores da sociedade que também passavam pelas opressões do governo.

No período do regime militar houve um aumento nos movimentos sociais, pois dentro das universidades os estudantes questionavam criticamente a realidade. Estes movimentos contribuíram para algumas transformações no contexto sociopolítico. Para Gohn (2011, p. 342), “O fato inegável é que os movimentos sociais dos anos 1970/1980, no Brasil, contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais, que foram inscritos em leis na nova Constituição Federal de 1988”.

A referida autora (2011, p. 346) acrescenta que nos anos de 1990 surgiram outras formas de participação popular, “mais institucionalizadas – como os Fóruns Nacionais de Luta pela Moradia, pela Reforma Urbana, o Fórum Nacional de Participação Popular, *etc.*”. Os fóruns temáticos tinham alcance nacional e neles eram apresentados os diagnósticos dos problemas e discutiam-se as estratégias para resolvê-los. Nessa década, vários grupos se reuniram por causas diferentes, como manifestações pela paz, pelos direitos das mulheres na política, movimentos dos homossexuais em meio a uma sociedade machista, movimento dos negros ou afrodescendentes na luta pela identidade e contra a discriminação, movimentos ecologistas e criação de Organizações Não Governamentais (ONGs), e diversos movimentos culturais através da música na forma de protestos, a partir das letras dos raps e hip-hops (GOHN, 2011).

Ainda na década de 1990, o Brasil passou por um processo democrático e de rejeição ao então presidente da República, Fernando Collor, que, eleito popularmente em 1990, foi deposto em 1992 com seus direitos políticos suspensos. Todo este cenário político foi palco do grande movimento “os caras pintadas”, um protesto organizado por estudantes contra a corrupção política no país. Essa manifestação é marcada pelos seus elementos visuais, pela alegria, bom humor, ironia e rosto pintado. Sobre os elementos visuais do movimento, Quintão (2010, p. 9) diz:

Os jovens utilizavam o próprio corpo como suporte para as mensagens, surgindo as pinturas nos rostos e a bandeira do Brasil como vestimenta [...] As caras pintadas de verde e amarelo são códigos nacionais, que representam o patriotismo, que situam numa lógica de máscara presente naquele ser que seria o “primeiro” brasileiro: o índio.

O autor Gohn (2011) apresenta 13 eixos temáticos que representam o panorama dos movimentos sociais atualmente no Brasil, sendo eles: a questão urbana; movimentos e organizações

em torno da participação na gestão administrativa das cidades; movimentos que defendem a questão da saúde; movimentos dos direitos; movimentos sindicais; movimentos religiosos; movimentos dos sem-terra e moradores de rua; movimentos contra políticas neoliberais; fóruns organizados pela sociedade civil; movimentos em cooperativas populares articulados por ONGS que visam à economia solidária; mobilizações de atingidos por catástrofes como barragens, fronteiras e movimentos no setor das comunicações. Estes novos movimentos são característicos do cenário deste milênio, dispendo de novas demandas, identidades e repertórios, atingindo alcance global.

Gohn (2011) ressalta, ainda, as novas organizações populares com atuação em rede, que proporcionam este alcance global. Acrescenta que:

Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet (GOHN, 2011, p. 335-336).

Considerando os novos movimentos sociais, que atualmente se apoiam nas redes sociais para maior aderência e publicidade dos eventos, atingindo níveis locais, regionais e globais em rede, é válido refletir sobre o poder das redes sociais nessa conjuntura. Nesse sentido, torna-se interessante entender como os jovens articularam um movimento social denominado “rolezinhos”, no ano de 2013, no Brasil.

## 2.1 Rolezinhos

O ano de 2013 foi histórico para os movimentos sociais brasileiros. Num ano que antecedia a realização da Copa do Mundo de Futebol no país, os brasileiros estavam descontentes com os altos gastos públicos para o evento enquanto se agravavam os diversos problemas relacionados com a educação, a saúde, a segurança, dentre outros setores. Ocorreram diversas manifestações a partir de junho de 2013 como o Movimento “Passe Livre”, inclusive uma manifestação cultural denominada “rolezinho”.

Mas o que foram os rolezinhos? Para Soal e Cardoso (2015, s.p.), “Nada mais do que encontros de jovens adolescentes. Estes encontros são agenciados via internet, mais precisamente com a utilização de redes sociais como o Facebook”. Utilizando-se da internet, jovens se agrupam

em shoppings, parques e lugares de fácil acesso ao público com o objetivo de se divertirem e fazer novas amizades.

Em 2013, a manifestação “rolezinhos” aconteceu devido a um protesto de funkeiros contra um projeto de lei que proibia bailes funk na capital paulista. Iniciado em São Paulo, o movimento passou a ocorrer em outras cidades como forma de protesto contra o preconceito e a segregação social.

Essa manifestação social não agradou a todos, causando apreensão de quem estava nos locais do encontro, geralmente grandes shoppings das cidades. Os rolezinhos eram compostos, em sua maioria, por jovens negros da periferia, o que ampliou ainda mais o alvoroço dos donos das lojas dos shoppings e seu representante, a Associação Brasileira de Shoppings Centers (Abrasce).

Os eventos criados pelo Facebook foram retirados do ar e como ninguém do Facebook se manifestou sobre o caso, não se sabe se as páginas foram denunciadas ou retiradas do ar devido a decisão judicial, a qual também proibia o acesso dos jovens nos shoppings em questão. Em suas justificativas encontravam-se várias maneiras de excluir os participantes do movimento social do direito de passear por um espaço que é público, ainda que de domínios privados.

Machado e Scalco (2014) apresentam dados onde 80% dos paulistanos desaprovam os rolezinhos e 72% acreditavam que a polícia militar deveria reprimi-los. Através de análises de comentários das redes sociais, as autoras concluíram que havia um alto grau de rejeição e posição segregacionista dos donos de estabelecimentos e da classe média, que produziram comentários odiosos como “bandidos, maloqueiros, vagabundos”, entre outros.

As redes sociais possibilitaram chegar ao ponto diferente do previsto, a internet como rede de comunicação proporcionou a discussão sobre o problema de preconceito instaurado na sociedade brasileira, que é fragmentária e excludente.

A internet tornou o assunto um dos mais importantes e mais comentados no início do ano de 2014, a ponto de alguns internautas questionarem como uma brincadeira poderia ser alvo dos noticiários e dos assuntos mais importantes do país, aparecendo comentários como “falta do que discutir”, com tantos outros problemas “sérios” (MACHADO; SCALCO, 2014, s.p).

Alguns eventos não terminaram bem, como o do dia 11 de janeiro de 2014, no Shopping Metrô Itaquera em São Paulo, apresentado na matéria do site R7-SP (2014): “Segundo a PM, foi preciso usar balas de borracha e gás lacrimogêneo para dispersar o grupo. O centro de compras diz

que recebeu cerca de 3.000 participantes do encontro”<sup>3</sup>. A polícia alegou que os jovens teriam realizado depredações no shopping. A justiça tinha concedido a liminar que proibia o evento nos shoppings e previa multa de R\$10 mil reais para cada membro envolvido no encontro. Este foi mais um caso dos muitos que aconteceram no Brasil, em várias cidades. O poder da internet fez com que os eventos acontecessem simultaneamente em shoppings de várias capitais e importantes cidades pelo interior do país.

Pereira (2014) acompanhou alguns dos eventos que aconteceram em SP e, a partir de alguns episódios que presenciou, constatou algumas “cenas tristes e ridículas”, quando muitos jovens eram abordados por sua aparência, corte de cabelo e vestimenta, sendo convidados a se retirarem e, em muitos casos, estes estavam em passeio com a família.

Sobre os rolezinhos, Pereira (2014, p. 11) diz:

Pelo que se vê nas redes sociais e nos próprios rolezinhos, esses jovens buscavam fundamentalmente, a partir desses eventos, espaços de visibilidade, nos quais pudessem ver e serem vistos, espaços de reconhecimento e de encontro, onde pudessem se divertir, paquerar, consumir e zoar. Os shoppings foram escolhidos porque são locais de prestígio, consumo e diversão que estão mais próximos deles, tanto espacialmente como socialmente. Eles não foram aos shoppings mais centrais justamente por isso, porque estão distantes, tanto espacialmente como socialmente de sua realidade. Eles demonstraram querer estar num lugar onde consigam encontrar iguais, pessoas com afinidades, com as quais possam se relacionar e estabelecer trocas. Esses são shoppings que a maioria já deve inclusive frequentar. Cabe ressaltar que os rolezinhos não têm em sua origem uma forma de protesto ao consumo ou aos shoppings. Muito pelo contrário, estão mais para uma celebração dos shoppings como espaço de encontro e consumo.

Pereira (2014) vai além ao problematizar a carência de espaços de lazer e sociabilidade para os jovens da periferia. Os rolezinhos enquanto movimentos sociais puderam mostrar a importância de discutir a promoção de espaços culturais, esportivos e de lazer.

O termo “rolezinho” ficou marcado como uma prática de manifestação, que parece não ter morrido. Depois de três anos, Amanaiara Miranda, após sentir-se ofendida em uma loja do Salvador Shopping, localizado em Salvador (BA), desabafou em sua rede social e convocou todos seus amigos e demais pessoas para participarem do Rolezinho das Caras Pretas, que aconteceu no dia 28/05/2017, no mesmo shopping.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/rolezinho-no-shopping-itaquera-tem-ao-menos-dois-detidos-diz-pm-11012014>> acessado em 02 de jan. 2018.

O dia 13/05 caiu num sábado e o que estava acontecendo de diferente no shopping? O rolezinho dos/as jovens. Ao entrar numa loja e acompanhada com duas pessoas, também de cara preta e de meia idade que nem eu, ouvi uma mulher socialmente branca falar: hoje vai ser difícil batermos a nossa cota de vendas com essa gente feia andando aqui no shopping. Aí eu fiquei a pensar: cheia de rugas como estou não apresentando mais tanta juventude, então isso não está sendo dito em virtude de acharem que estou participando do rolezinho. Pensei, acho que deve ser minha cara preta e a dos meus acompanhantes que faz, ela (que era gerente da loja) dizer sobre tal aspecto. Sabemos que no comércio quando a pessoa apresenta mais idade é enxergado como consumidor em potencial, pois inspira uma estabilidade financeira. Na Bahia quando se diz: só tem gente feia, estão querendo dizer: só tem gente preta. Nesta senda, eu confirmei que a cara preta madura não inspira beleza e nem poder aquisitivo. Mas tudo bem, eu sei que ainda não fui emancipada da escravidão. Pois trabalho 40 horas semanalmente e ainda faço doutorado. Escravidão ao quadrado nesse meu corpo de 46 anos de idade. O fato ficou ruminando até agora. Deixei passar o dia das mães e decidi nesse momento externar, pois assim como os/as adolescentes, eu quero protestar de maneira criativa, em virtude que sofro racismo todos os dias. Mas o fato socializado aqui aconteceu no dia 13 de MAIO – não é o dia da abolição da escravatura? A questão é que continuamos submissos/as a padrões estéticos declarados como ideais pelo nosso grande “opressor/a”: a branquitude, o eurocentrismo e ...<sup>4</sup>

A publicação de Amanaiara no Facebook gerou vários comentários de apoio e mais de 2000 pessoas foram convidadas para o evento.

Após se reunirem na praça de alimentação, os “caras pretas” passearam pelo shopping com canções em manifestação. Em vídeo gravado e publicado no site Bahia Notícias<sup>5</sup>, Amanaiara diz: “As pessoas têm que perceber que ou elas nos tratam como merecemos ou nós não consumiremos. Todo ano eu vou tentar fazer o Rolezinho das Caras Pretas no último domingo de maio”. O evento ocorreu com tranquilidade, não foi noticiada nenhuma ocorrência. Já o Salvador Shopping aproveitou para se “redimir” dizendo lamentar o comentário e ser contra qualquer ato discriminatório que ocorra por seus colaboradores ou lojistas.

A partir de todos os exemplos de manifestações sociais citados é possível considerar a importância da internet e das redes sociais como ferramentas que auxiliam na promoção da cidadania, através de atos ativos como as reivindicações e manifestações propriamente ditas, como também na criação de fóruns e discussões promovidas pelos usuários das redes sociais.

O poder das manifestações sociais está nas mãos dos manifestantes, que através do movimento estão buscando a mudança social para a construção de uma nova sociedade. Conforme

<sup>4</sup> Relato postado no perfil do Facebook de Amanaiara Miranda, disponível em <https://www.facebook.com/Amanaiara.Miranda/posts/1519675441388933>, acessado em 05/01/2018.

<sup>5</sup> Vídeo disponível em: <http://www.bahianoticias.com.br/noticia/207965-rolezinho-das-caras-pretas-ato-contra-racismo-surpreende-salvador-shopping.html?f> acessado em 3 de jan. 2018



Arendt (1985, p. 24), “O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo estiver mantido unido”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia da informação ganhou novas significações com o advento da internet e das redes sociais. A internet é uma ferramenta livre, de acesso rápido e comunicação instantânea, que rompe com as barreiras da comunicação. Destarte, as redes sociais não se restringem à comunicação, mas criam estruturas e cadeias de pessoas que possuem os mesmos interesses, desejos, culturas *etc.*

Tanto a internet como a rede social Facebook são utilizadas no cotidiano dos brasileiros como meios de informação e sociabilidade. O Facebook é uma ferramenta que muitos estudiosos utilizam para explorar a opinião pública sobre determinados assuntos e, como mostrado, também é muito utilizada para aproximar candidatos a cargos públicos a seu eleitorado.

A partir das análises da evolução da tecnologia e da importância das redes sociais no cotidiano da sociedade moderna, é possível evidenciar o caráter democrático e comunicativo presente nestas redes.

As redes sociais são grandes facilitadoras na promoção de comunicação, entretenimento e também de ações políticas como os movimentos sociais. A internet e as redes sociais digitais possibilitaram a intensificação e a abrangência dos movimentos, que seria uma tarefa difícil se estes fossem realizados somente no campo físico. Nelas as pessoas mostram o desejo de atuarem nas decisões sociopolíticas do país, as quais abrem espaço para discussões democráticas, a partir de opiniões e conceitos que agregam valor e ideologias às diferentes classes da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARÁUJO, Beatriz Pozzobon. Redes sociais na Internet e novas formas de sociabilidade: Um estudo do Facebook. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Chapecó - SC – 2012

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

AZEVEDO, Hudson Lobato; MONTEIRO, Henrique Pontes Ferreira. O ciberespaço em uma reflexão geográfica. **VÉRTICES** - Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 3, p. 139-147, set./dez. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede** – A era da informação: economia, sociedade e cultura – Volume I. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

CORREIO NAGÔ. **Comentário racista mobiliza Rolezinho das Caras Pretas em shopping de SSA**. 2017. Disponível em: <<http://correionago.com.br/portal/comentario-racista-mobiliza-rolezinho-das-caras-pretas-em-shopping-de-ssa/>> acessado em 03 Jan de 2018

COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito. **IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS: a experimentação de “eus” no Orkut. A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010.

DIAS, Leila Christina. Redes: Emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERREIRA, Calebe da Costa, et al. Análise da evolução da metodologia utilizada nos artigos publicados na revista: contabilidade & finanças. – USP. **XXII Semead** - Empreendedorismo e inovação, São Paulo. 2009.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, v.16, n. 47, p. 333-351, maio/ago. 2011. Acesso em 01/09/2015.

\_\_\_\_\_. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995

MACHADO, Rosana Pinheiro; SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no brasil. **Revista Usp**: Dossiê sobre cultura popular urbana. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/viewFile/98372/97108>> acesso em 02 de Jan 2018.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. **Revista Pensata** | V.3 N.2, 2014.

PIRES, Hinderburgo Franciso. Redes sociais colaborativas e geografia em rede: as novas formas de apropriação do conhecimento social no século XXI. **Terra Livre** - São Paulo/SP Ano 26, V.1, n. 34 p. 17-36. Jan-Jun/2010.

QUINTÃO, Thales Torres. **Os Media e a Construção dos Caras-pintadas**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 3, Ed. 4 – jun./ago de 2010.



EM REDE: considerações sobre a influência das redes na realização de movimentos sociais

ANETE MARILIA PEREIRA

MARIA VITÓRIA XAVIER DIAS ROCHA

---

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOCAL, Carlos Roberto Devincenzi; CARDOSO, Karla Regina. Shopping center, rolezinho e exclusão social: uma nova cara do sistema democrático brasileiro. **XII Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, 2015.

VASCONCELOS, Fernando A; BRANDÃO, Fernanda Holanda V. As Redes Sociais e a Evolução da Informação no Século XXI. **Revista Direito e Desenvolvimento**, João Pessoa, v. 4, n. 7, p.125-144, jan./jun. 2013.

VIRGOLINO, Juliana Carneiro; CORDEIRO, Leticia Silverio Teodoro; CARVALHO, Fernanda Cavassana de. **Reivindicações do Público aos Atores Políticos no Facebook**: Um Estudo dos Comentários Sobre a PEC 241 nas Páginas de Deputados Federais. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR –2017

Recebido em: 16/05/2018 / Aprovado em: 20/07/2018